ciência

Em nome da flora nativa, reservas se rendem a agrotóxico

Parques em Goiás, no Espirito Santo e no Sul já estão testando herbicidas para combater espécies invasoras

Vilões são plantas como a braquiária, um tipo de capim bom para criar gado, mas que expulsa a flora nativa de reservas

NATÁLIA CANCIAN
DE SÃO PAULO

Ameaçadas por pragas, reservas ecológicas no país estão fazendo testes com agrotóxicos com o objetivo de garantir a sobrevivência de espécies nativas.

A ideia é combater plantas exóticas e invasoras, como a braquiária, um tipo de capim usado em áreas de criação de gado que ameaça o crescimento de outros vegetais.

O estudo mais recente ocorre no Parque Nacional das Emas, em Goiás. A unidade, com área equivalente a 132 mil campos de futebol, registra a presença de cinco espécies de plantas invasoras.

"É uma situação grave, já que as espécies exóticas ameaçam a diversidade", afirma o diretor do parque goiano, Marcos Cunha.

As primeiras aplicações de glifosato, ainda em nível experimental, começaram neste mês, depois de tentativas com várias outras técnicas, sem sucesso.

O contato com o produto, porém, ainda está restrito ao entorno do parque. "Estamos analisando os resultados para só depois utilizar no interior, se necessário", afirma.

AUTORIZAÇÃO

A iniciativa, ainda tímida no Brasil, já é aplicada em outros países.

A Monsanto, uma das maiores fabricantes mundiais de herbicida, doa glifosato desde 2005 à reserva ecológica de Galápagos, arquipélago equatoriano onde Charles Darwin (1809-1882) fez parte de seus estudos.

No Brasil, outras unidades federais de conservação que fazem pesquisas semelhantes são a Floresta Nacional de Bom Futuro, em Rondônia, e os parques Aparados da Serra e da Serra Geral, na divisa de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

"Simplesmente cortar [o capim] não resolve", diz o chefe do parque de Aparados da Serra, Deonir Zimmerman, que luta contra o avanço de espécies exóticas há 12 anos.

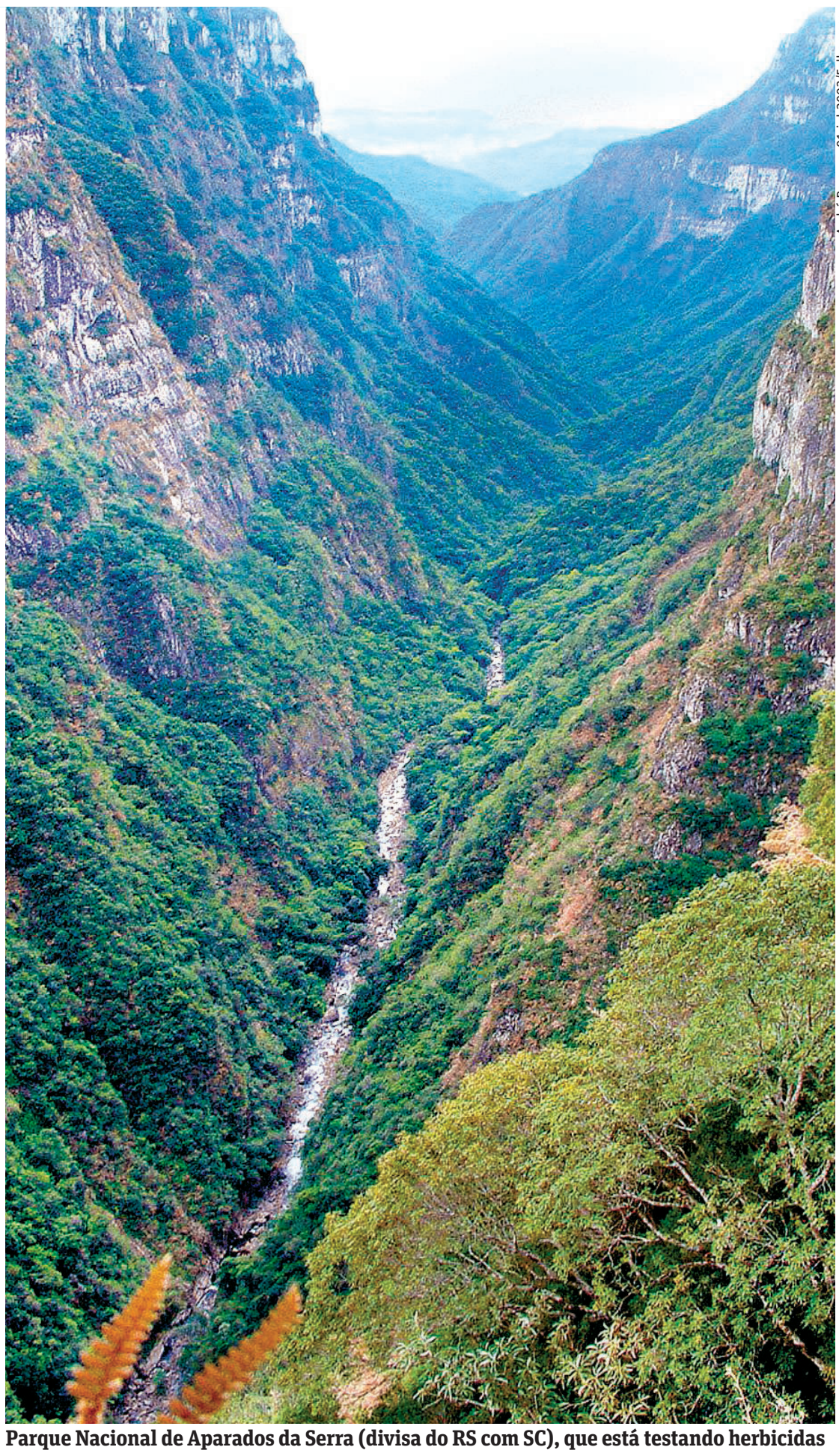
Reservas estaduais do Paraná, Santa Catarina e Espírito Santo também têm estudos avançados com herbicidas para o combate de espécies exóticas, segundo a ONG Instituto Hórus, que participa de projetos nesses locais.

Uma portaria do Ibama de maio de 2010 autoriza pesquisas com até três tipos de agrotóxicos em florestas nativas, desde que estejam em situação de emergência — e com possibilidade de cancelar a autorização em caso de contaminação.

Em muitas unidades nacionais, no entanto, segundo o ICMBio (Instituto Chico Mendes), o plano de manejo sequer considera o uso desses herbicidas.

Silvia Ziller, do Instituto Hórus, afirma que os produtos são uma alternativa mais barata, eficiente e com menor impacto ambiental do que deixar espécies como a braquiária se propagarem.

O maior problema, segundo ela, é o risco de incêndio agravado pelo capim. "Se antes o cerrado pegava fogo a cada cinco anos, agora isso acontece em todos eles", diz.

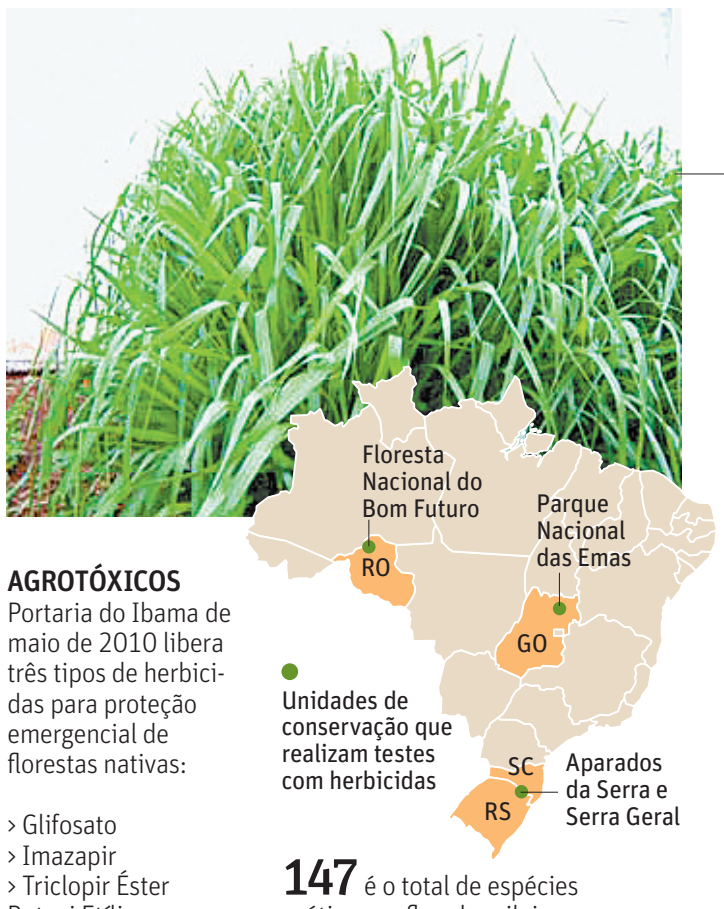


André Perazzo -01.jul.2002/Folhapress

Parque Nacional de Aparados da Serra (divisa do RS com SC), que está testando herbicidas

CONTRA O CAPIM

As principais espécies invasoras e os herbicidas usados contra elas



AGROTÓXICOS
Portaria do Ibama de maio de 2010 libera três tipos de herbicidas para proteção emergencial de florestas nativas:

› Glifosato
› Imazapir
› Triclopir Éster Butoxi Etílico

147 é o total de espécies exóticas na flora brasileira

Algumas das espécies invasoras mais frequentes na flora das unidades de conservação do país

Braquiária: capim com origem na África, usado em pastagens e encontrado nas regiões do cerrado e no Sul

Capim-gordura: também usado em pastagens, expulsa a vegetação nativa e favorece incêndios

Castanheira: planta ornamental da Ásia; suas sementes se dispersam rapidamente

Uva-do-japão: originária do Japão e da China, foi plantada no Brasil com o objetivo de produzir sombra

Lugares conhecidos no mundo onde já foi aplicado:
› Ilhas Galápagos
› Baía de Willapa (EUA)
› Pompeia (Itália)

Fonte: Instituto Hórus e Monsanto

Aplicação pode afetar espécies "inocentes"

DE SÃO PAULO

A ideia de aplicar agrotóxicos em reservas naturais do país ainda provoca desconfiança entre os ambientalistas e pesquisadores.

Alguns dos diretores das reservas reconhecem que o produto pode afetar espécies nativas se a aplicação não for feita adequadamente.

Em 2007, uma pesquisa da USP mostrou que um agrotóxico aplicado nas cerca de 40 lavouras do entorno do Parque das Emas contaminava aves ameaçadas de extinção.

Uma liminar chegou a suspender, em 2008, o uso de alguns agrotóxicos em uma faixa de até 2 km ao redor do parque. A decisão, no entanto, referia-se apenas aos tipos mais tóxicos dos produtos, como inseticidas, e foi suspensa meses depois.

O pesquisador Sady Valdes, responsável pelo estudo na época, diz que a aplicação de herbicidas pode até "mudar a paisagem do cerrado".

Para a engenheira agrônoma Ana Maria Junqueira, que estuda métodos alternativos aos agrotóxicos, produtos como herbicidas trazem riscos também ao ser humano.

Segundo ela, uma alternativa pode ser a aplicação tópica, em que o produto é usado apenas no local onde há a ameaça. Mesmo assim, ela diz que os órgãos ambientais precisam ficar atentos para, a partir disso, não perder o controle sobre o uso desses produtos. **(NC)**

Copyright ©

May

modal verb
1. poder, ter permissão,
2. ser possível ou admissível.

Cursos de maio
A melhor tradução para sucesso profissional

Comece a fazer a diferença na sua vida profissional ainda este ano. Faça sua matrícula nos cursos de maio da Alumni. Você faz um curso em um **Centro Binacional oficial do Consulado Americano**, que oferece serviços exclusivos e tem seu **certificado reconhecido pela Embaixada dos Estados Unidos.** Fazer Alumni é muito mais que fazer inglês. E isso se traduz em resultados rápidos para a sua carreira.

Ainda dá tempo de fazer a diferença
Matrículas abertas
Início das aulas: 02 de maio

Siga a Alumni:
facebook.com/alumni.ingles
@Alumni_ingles

Chácara Sto. Antônio • Jardins • Morumbi • Vila Nova Conceição

Ligue 5644-9700

www.alumni.org.br

Best in business